📖 O Último Legado: uma autobiografia de Leonardo Silveira Paines

---

Página 1

Direitos Autorais

Título: O Último Legado: uma autobiografia de Leonardo Silveira Paines
Autor: Leonardo Silveira Paines
Editora: Paine's Records - Editora Independente
Ano de publicação: 2025
Cidade: Santa Maria - RS, Brasil

© 2025 Leonardo Silveira Paines.
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida por qualquer meio – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro – sem permissão prévia e por escrito do autor ou da editora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e está sujeita às sanções civis e penais cabíveis.

Declaração de originalidade:
Esta obra é uma produção autobiográfica e original.
Os fatos, sentimentos e memórias descritos são de responsabilidade exclusiva do autor, com base em sua vivência pessoal e interpretação dos eventos.

Informações da Editora:
Paine's Records - Editora Independente
Fundada por Leonardo Silveira Paines
Publicações com identidade, alma e verdade.
📧 E-mail de contato: contatoalpha22@gmail.com

Sumário

O Último Legado: uma autobiografia de Leonardo Silveira Paines

◆ Prólogo
O que fica quando a gente vai embora?

◆ Parte I - Raízes Tortas

1. Nasci. Sobrevivi. E isso já foi um milagre.

2. A adolescência: um experimento social mal calculado

3. A vida adulta me deu um tapa. Eu pedi mais um.

◆ Parte II - Ruas, Quartéis e Ruínas
4. Exército: onde a dor virou ordem
5. Empregos, fracassos e pessoas que foram embora com pedaços meus
6. As profissões que me rejeitaram. E os diplomas que eu comprei com suor

---

◆ Parte III - Criação, Queda e Renascimento
7. Paine's Records: papel, dor e liberdade
8. Eu e a genealogia: cavando o tempo até 900 d.C.
9. O pai que fui. O pai que tento ser.

◆ Parte IV - Amor, Perdão e Herança
10. Meu nome é Leonardo, mas já fui muitos outros
11. A casa velha, os pais vivos e o novo sentido do tempo
12. O último amor (ou talvez o primeiro de verdade)

◆ Epílogo
Se eu deixar algo neste mundo, que seja verdade.

Prólogo
O que fica quando a gente vai embora?

Não espere encontrar aqui grandes batalhas épicas, glórias hollywoodianas ou viradas de cinema. Essa é só a história de um cara comum com pensamentos esquisitos demais pra guardar só na cabeça.

Chamo-me Leonardo Silveira Paines. Nasci em um país onde a gente nasce já devendo, cresce ouvindo que "tudo é difícil" e morre tentando entender o que aconteceu. Mas em algum ponto entre o caos e o riso, encontrei sentido em viver.

Essa autobiografia não é pra vanglória. É um arquivo. Um testamento emocional, um registro de quem fui com todas as versões de mim mesmo que já existiram. Algumas mais legais, outras que nem eu gostaria de encontrar de novo. Tive erros que dariam uma minissérie de comédia trágica. Tive acertos que quase ninguém notou. E entre uma risada e outra, fui deixando pedaços meus no mundo: em pessoas, ideias, momentos e, agora, neste livro.

Chame de ego, se quiser. Eu chamo de "último legado". Se ao final dessa leitura você rir, chorar ou simplesmente pensar "esse cara era doido, mas fazia sentido às vezes"... já valeu a pena.

Siga. As próximas páginas são minhas memórias ou, pelo menos, o que sobrou delas.

Capítulo 1
"Nasci. Sobrevivi. E isso já foi um milagre."

Nasci no dia 27 de abril de 1999, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Brasil. Um lugar onde o frio corta, a carne é farta e a vida, bom... a vida nem sempre é fácil, mas sempre é intensa.

Minha infância não cabe em uma só palavra. Foi uma mistura indigesta de comédia e drama. Se fosse filme, talvez fosse indicado ao Oscar por roteiro original, mas com certeza seria barrado na categoria “ambiente saudável”.

Nas festas, a casa dos meus avós virava um evento. Gente chegando com sorriso no rosto e saindo com a alma em pedaços. Havia churrasco, música, risadas... e depois vinham as brigas, os gritos, os copos quebrados, e aquele silêncio gelado que só quem já viveu sabe o peso.

O álcool era personagem fixo nas nossas reuniões. Estava sempre lá, mais presente que muita gente sóbria. Crescer ali era como viver num parque de diversões construído sobre minas terrestres: uma montanha-russa de emoções, com a ansiedade de querer que tudo desse certo e o medo de que tudo desmoronasse – o que acontecia com mais frequência do que qualquer criança deveria testemunhar.

Eu fui uma criança sozinha. Daquelas que a gente vê nos cantos da sala, falando baixinho com brinquedos que ninguém vê. Meus "amigos" eram vacas e cavalos invisíveis, criados com um talento digno de Oscar da Imaginação.

Sentado à mesa da cozinha, fingia estar numa fazenda e naquela ilusão, pela primeira vez, tudo obedecia à minha voz. Naquele mundinho inventado, não havia gritos, nem discussões, nem copos voando pela sala. Só paz, pasto, e uma vaquinha chamada "Esperança".

Sim, eu dei nome pra ela. Porque mesmo que o mundo real estivesse desabando lá fora, ali naquele universo inventado tudo ainda podia ser bonito.

É estranho dizer, mas foi assim que aprendi uma das minhas primeiras lições de vida:
A realidade pode machucar, mas a imaginação pode curar.

E enquanto as noites reais tiravam o meu sono, meus sonhos seguiam firmes: um dia eu ia sair dali. Ia escrever meu próprio roteiro, sem álcool, sem brigas. Um onde as vaquinhas seriam reais e a paz também.

Capítulo 2
"A adolescência: um experimento social mal calculado"

Se a infância foi uma montanha-russa, a adolescência foi um trem descarrilado em câmera lenta. Aquelas promessas de que "as coisas melhoram com o tempo" pareciam piada de mau gosto.

Em casa, as brigas ainda ecoavam nas paredes. O álcool, velho conhecido, continuava sendo o centro das atenções – mas agora vinha com sequelas mais visíveis.

Meu pai foi internado. O tipo de internação que começa com esperança, mas termina com mais perguntas do que respostas.

Minha mãe, por sua vez, decidiu ir embora. Levou os gritos, mas também levou o pouco de estabilidade que ainda restava.

A geladeira virou decoração. Tinha luz, mas não tinha comida. E eu, bem... virei o gerente da própria sobrevivência, ainda com cara de menino.

Aprendi a fingir que tava tudo bem com uma maestria que engana até hoje.

Foi nesse cenário que mudei de escola. E, por um desses caprichos do destino, virei o "popular". Sim, o menino solitário das vacas imaginárias agora era rodeado de gente. E mais estranho ainda: era adorado.

Professores me tratavam como caso perdido, alunos me tratavam como celebridade underground.

Tive minhas aventuras amorosas. Muitas. Talvez buscando em cada beijo uma forma de preencher aquele buraco interno que ninguém via. Mas também tive meu primeiro amor real.

Daqueles que fazem o mundo desacelerar, que aquecem até os cantos gelados da alma. E, claro, como manda o roteiro da adolescência, deixei tudo escapar por pura infantilidade.

A confusão era diária. Por fora, sorrisos, piadas, vida social. Por dentro, um silêncio ensurdecedor. Era o tipo de solidão que não tem a ver com estar sozinho, mas com não se sentir visto.

O mais estranho? Eu me acostumei.

Aprendi a viver nesse meio-termo. Nem santo, nem marginal. Só um menino tentando entender quem era em meio a tanto barulho.

A adolescência não me matou. Só me tornou mais resistente. Tipo planta que cresce em rachadura de calçada – meio torta, mas viva.

Capítulo 3
"A vida adulta me deu um tapa. Eu pedi mais um."

O fim da adolescência não me levou direto pra maturidade. Me jogou num corredor escuro onde eu tropecei em todas as escolhas erradas que o mundo já esperava que eu fizesse.

Larguei os estudos. Não por preguiça – por desilusão. Achei mais fácil assumir o papel que me foi escrito por mãos cansadas: o rebelde, o agressivo, o "marginal educado".

Descobri que o amor podia ser bonito, mas o medo era útil. E foi isso que escolhi.

Com amor, as pessoas se aproximam. Com medo, elas se afastam – e às vezes, isso é tudo que você precisa pra sobreviver.

Vesti a máscara do brigão. Do "bad boy". O tipo que entra num lugar e muda a pressão do ar. E com isso, garanti o espaço que o carinho nunca conseguiu segurar.

Aos 15, decidi parar de comemorar aniversários. Senti que aquilo não fazia mais sentido – não tinha nada pra comemorar, só mais um ciclo de sobrevivência.

Mas minha mãe voltou. E mesmo com todos os silêncios, todos os anos ela faz uma lasanha no meu aniversário.

E eu como. Com gosto. Porque tem coisa que a gente não sabe dizer, mas sabe digerir.

Em 2017, a vida me mostrou que não estava brincando.

Acordei de madrugada com minha avó pedindo socorro. Meu avô estava morto no chão, vítima de um infarto fulminante.

Um corpo ainda quente. Uma alma já longe.

Meses depois, minha avó – aquela que ainda segurava o mundo nos braços – morreu na mesa de cirurgia.

E tudo que era barulho virou eco.

As festas acabaram. A família se dispersou.

E a casa que um dia explodiu em gargalhadas... começou a desmoronar, tijolo por tijolo.

Aos 18, entrei no Exército.

Lá, pela primeira vez, encontrei ordem. Disciplina. Propósito.

Fui de soldado a cabo. Comi poeira, lavei chão, fiquei de sentinela em noites frias e sem estrelas.

Mas ali... me senti vivo. Me senti útil.

E por tudo isso, até hoje sou grato ao Exército. Ele me salvou. De mim mesmo, talvez.

A vida passou.

Trabalhei em muitos lugares. A maioria deles me odiou antes mesmo de eu aprender o nome do chefe. Alguns, eu odiei com força.

Morei sozinho. Morei com alguém. Ela foi embora.

Morei com outra. Ela também foi embora – e levou com ela uma filha minha.

Essa ferida... não fecha. Só cicatriza mal.

Mas calma. Nem tudo foi dor.

Eu vivi. Fui feliz.
Sou feliz.

Hoje, com 26 anos, sou um homem formado:

Graduado em Administração e Relações Internacionais.

Pós-graduado em Comércio Exterior e Negócios Internacionais.

Pós-graduado em Direitos Trabalhistas.

E talvez mais importante que isso:

Sou autor de 10 livros – alguns sobre educação, outros de fantasia, e uns de autoajuda (apesar de eu mesmo ainda estar em manutenção).

Sou fundador da Paine's Records, uma editora independente feita de sonhos e papel reciclado.

Sou protagonista de um dos maiores trabalhos genealógicos do mundo, com registros da minha família desde o ano 900 d.C.

E sou pai. Presente quando consigo. Ausente quando a vida me engole.

Mas nunca, nunca, distante no amor. Minha filha é a razão pela qual tudo valeu a pena.

Sou um filho bom. Meus pais estão aqui. Velhos, mas vivos.

E isso já é milagre suficiente pra seguir sorrindo.

E... conheci alguém.

Alguém que me devolveu aquela vontade besta de comemorar aniversários.

Alguém que não teve medo da minha bagagem.

Alguém que ficou.

Epílogo
"Se eu deixar algo neste mundo, que seja verdade."

Hoje, aos 26 anos, eu escrevo as últimas linhas deste livro. Não porque minha vida acabou – longe disso. Mas porque minha vida literária, por enquanto, chegou ao ponto que precisava chegar.

Eu falei.
Eu contei.
Eu deixei escrito.

Não sei se algum dia volto aqui. Pode ser que sim – a vida tem o péssimo hábito de continuar nos surpreendendo.

Mas por agora, este é meu ponto final.

Escrevi não por vaidade, mas por necessidade.

A escrita foi meu espelho, meu confessionário e minha redenção.

Se você chegou até aqui, saiba: eu também já quis desistir. Já acreditei que nada fazia sentido.

Já dormi com fome, já chorei sozinho, já me odiei por completo.

Mas persisti.

E isso me fez chegar onde estou.

Talvez eu nunca seja lembrado por todos. Talvez meu nome se perca entre arquivos digitais e livros empoeirados.

Mas se uma só pessoa se sentir menos sozinha ao ler isso, se alguém, em algum lugar, levantar da cama e decidir tentar de novo por causa dessas palavras... então já valeu.

Eu não fui herói.
Não fui mártir.
Mas fui verdadeiro.

Este é o Último Legado que deixo não como final, mas como semente.

E a você, leitor ou leitora, que me acompanhou até aqui: persista nos seus sonhos.

Mesmo quando o mundo mandar parar.

Mesmo quando tudo parecer perdido.
Mesmo quando o medo for maior que a coragem.

Porque eu persisti.

E, no fim, foi isso que me salvou.

Leonardo Silveira Paines
Santa Maria, RS – 2025

Apêndice
Obras Publicadas e Legados Concretos

"Escrevi para sobreviver. Publiquei para deixar pegadas."

A escrita me salvou. Não só da dor, mas do esquecimento.

Com ela, encontrei voz, propósito e permanência.

O que antes era só silêncio e raiva, virou parágrafo.

E esse é o resultado: livros, traduções, composições e sementes – todos feitos com alma.

Livros Publicados por Leonardo Silveira Paines:

Família Paines: Nossas Raízes – um mergulho genealógico na história da linhagem Paines desde 900 d.C.

Relações Internacionais para Iniciantes – introdução clara ao universo da diplomacia, geopolítica e relações multilaterais.

Comércio Exterior e Negócios Internacionais para Leigos – guia direto para iniciantes no mundo dos negócios globais.

Manifesto Econômico Moderno (versão em inglês) – uma crítica e uma proposta sobre os rumos da economia mundial.

Manual da Ansiedade: Dicas para dias caóticos – reflexões e técnicas práticas para lidar com a ansiedade no cotidiano.

Mr & Mrs Paines: Crimes do Passado – romance policial com raízes históricas e familiares.

Direito Trabalhista Simplificado – explicações diretas sobre os direitos do trabalhador brasileiro.

Cartas para Meus Filhos e Para o Mundo – um livro íntimo, de legado emocional, ético e humano para futuras gerações.

Traduções e Projetos no Wikibooks.org:

Paine Family Records – Volume I

Paine Family Records – Volume II

Paine Family Ancestry

Responsável pelas versões comentadas e organizadas dessas obras históricas da genealogia anglo-americana.

Contribuições Acadêmicas e Culturais:

Artigo publicado na Wikipédia: Família Paines – artigo enciclopédico sobre origem, presença e impacto histórico da família.

Compositor oficial do Hino da Casa Silveira & Paines – uma obra heráldica e emocional, celebrando os valores familiares.

Fundador da Paine's Records – Editora Independente – um selo editorial focado em identidade autoral, memória e autenticidade.

Formações Acadêmicas:
Graduado em:

Administração

Relações Internacionais

Pós-graduado em:

Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Direito Trabalhista e Previdenciário

Página 12

Legado Ambiental:
Responsável direto pelo plantio de 2.000 árvores nativas.
Realizado em parceria com a iniciativa SOS Mata Atlântica, contribuindo para a recuperação ambiental do bioma.

"Meu legado não está só nos livros que deixei, mas também nas árvores que plantei, nas histórias que preservei, e nas pessoas que inspirei a continuar."

Página 13

Capítulo 4
"O fracasso como personal trainer"

Se tem algo que nunca me abandonou, foi o fracasso.
Ele sempre me acompanhou, como aquele amigo inconveniente que aparece sem avisar, abre a geladeira e ainda pergunta: “Não tem nada melhor, não?”

Fracassei em empregos, fracassei em amores, fracassei em dietas.
Fracassei em tentar agradar todo mundo.
Mas descobri que o fracasso é um ótimo personal trainer da alma: ele te coloca no chão até você aprender a levantar.

Foi ele que me fez perceber que não dava pra esperar o mundo me aplaudir. Eu teria que construir meu próprio palco e, se necessário, comprar a plateia com pastel e refrigerante.

Capítulo 5
"As profissões que eu testei e que me testaram"

Fui office-boy, atendente, auxiliar administrativo, vendedor, militar, consultor,
quase-professor e quase-poeta de bar.
Em todos esses papéis, percebi que havia uma constante: eu sempre estava fora do script.

Se pediam silêncio, eu fazia piada.
Se pediam formalidade, eu chegava com gírias.
Se pediam disciplina, eu entregava criatividade.

Resultado: nunca fui o funcionário perfeito, mas sempre fui o funcionário inesquecível.

Talvez o mundo precise mais de gente inesquecível do que perfeita.

Capítulo 6
"Sobre construir algo que dure mais do que eu"

A Paine's Records nasceu de uma necessidade: eu queria publicar meus livros sem depender de editoras que só veem números.
Queria criar um espaço onde a alma tivesse mais valor que o capital.

Foi aí que percebi: se eu pudesse ajudar outros autores, escritores, músicos e artistas independentes, eu estaria deixando algo que ia além de mim.

E assim nasceu o Instituto Leonardo Silveira Paines.

Instituto Leonardo Silveira Paines
"A rebeldia transformada em abrigo"

O Instituto não é só um prédio, uma marca ou um CNPJ.
É um grito coletivo de quem cansou de ser ignorado.

Ali, escritores independentes encontram uma mesa para apoiar seus livros.
Músicos independentes encontram um palco – nem sempre luxuoso, mas sempre honesto.
Artistas independentes encontram voz.

E, de alguma forma, eu encontrei a minha missão: ajudar quem carrega arte, mas não carrega patrocínio.

O Instituto é meu jeito de dizer: “A cultura não precisa pedir desculpas para existir.”

Capítulo 7
"Genealogia e insanidade calculada"

Pesquisando a história da família Paines, descobri que ou eu estava ficando maluco, ou maluco já era quem guardou registros desde o ano 900 d.C.

Passei noites lendo documentos em inglês arcaico, vasculhando arquivos públicos, brigando com microfilmes e comemorando cada nome encontrado como quem acha ouro.

Meus amigos diziam: “Mas pra quê isso?”
E eu respondia: “Porque alguém tem que lembrar da gente quando a gente virar pó.”

Capítulo 8
"Amores, desamores e a arte de estragar o próprio romance"

Se minha vida fosse uma novela, eu teria sido o personagem que a gente grita para a TV:
“NÃO FAZ ISSO, ANIMAL!”
E eu fazia.

Perdi amores incríveis porque confundi orgulho com coragem.
Ganhei cicatrizes emocionais que dariam pra tatuar um livro inteiro.

Mas também aprendi: o coração é burro, mas é insistente.
E, por mais que eu tenha errado, ainda acredito no amor.
A diferença é que agora não busco fogo de artifício – busco fogueira que aquece sem queimar a casa inteira.

Capítulo 9
"Paternidade: o medo mais bonito que já senti"

Ser pai não estava nos meus planos.
Na verdade, quase nada do que vivi estava.

Mas quando peguei minha filha nos braços, percebi que tudo tinha mudado.
Não importava mais se o mundo me entendia – eu precisava ser entendido por ela.

Às vezes erro.
Às vezes falho.
Às vezes sou ausente.

Mas uma coisa nunca vai mudar: eu sempre volto.
E quando volto, volto inteiro.

Página 20

Capítulo 10
"As árvores que plantei e os livros que deixei"

Sempre ouvi aquela frase: “Plante uma árvore, escreva um livro, tenha um filho.”

Pois bem:

Plantei duas mil árvores (não sozinho, claro, mas com a ajuda de gente boa e de muita pá).

Escrevi mais de dez livros.

E tenho uma filha que vale por um exército inteiro de sentido.

Ou seja, missão cumprida – mas ainda com créditos sobrando.

Página 21

Capítulo 11
"Humor como arma de sobrevivência"

Se eu não tivesse aprendido a rir, eu teria virado estatística.
Rir foi meu jeito de não enlouquecer.

Transformei tragédia em piada, dor em stand-up particular, desespero em crônica.

E mesmo que muita gente ache que rir da própria dor é fraqueza, eu digo o contrário:
Rir é olhar para o monstro e dizer: “Você até me assusta, mas não me cala.”

Capítulo 12
"As pessoas que ficaram – e as que foram embora"

Aprendi a agradecer tanto quem ficou quanto quem me deixou.

Quem ficou, me deu suporte.
Quem foi embora, me deu espaço.

E entre apoios e abandonos, descobri uma verdade simples: a vida não é sobre colecionar pessoas, mas sobre cultivar vínculos que sobrevivem às tempestades.

Capítulo 13
"O futuro que ainda não escrevi"

Se eu cheguei até aqui, não foi porque tive sorte.
Foi porque insisti.

O futuro é um caderno em branco.
E se eu tiver tempo e saúde, quero preenchê-lo com mais livros, mais árvores, mais projetos, mais risadas e – claro – mais amor.

Quero que o Instituto cresça, que minha filha cresça, que minha família seja lembrada e que, de algum jeito, o mundo seja um pouquinho melhor porque eu existi.

Epílogo 2 – Risos finais
"Ser sério é fácil. Difícil é ser engraçado e verdadeiro ao mesmo tempo."

Olho para trás e percebo: sobrevivi ao que deveria me ter matado.
E, de brinde, deixei um rastro de histórias que parecem mentira, mas são pura realidade.

Se alguém um dia perguntar: “Quem foi Leonardo Silveira Paines?”
Quero que a resposta seja:

— Foi um homem que falhou muito, mas nunca desistiu.
— Foi um autor que acreditou que palavras podiam mudar vidas.
— Foi um teimoso que fundou um Instituto para dar voz a quem ninguém ouvia.
— Foi um sujeito que, acima de tudo, soube rir até de si mesmo.

E se isso não for suficiente...
Bem, pelo menos plantei duas mil árvores.